

Utopia Logística e o Capitalismo Algorítmico: Notas sobre Infraestrutura, Aceleração e Ciberultura no Antropoceno¹

Fábio Fernandes da Silva ²

Resumo expandido Painel Temático

A presente proposta busca desenvolver o conceito de **utopia logística** — formulado originalmente pelo proponente a partir de uma leitura crítica de *New York 2140* (2017), de Kim Stanley Robinson — como chave de interpretação para as dinâmicas contemporâneas do **capitalismo de dados**, **capitalismo de plataforma** e **capitalismo algorítmico**. Entende-se aqui “utopia logística” não como uma antecipação idealizada de futuro, mas como **horizonte prático e infraestrutural de manutenção da vida** sob condições de crise sistêmica (Fernandes, 2022). Nesse sentido, o conceito se coloca em diálogo com a crítica cultural de Fredric Jameson, com a análise da racionalidade tecnocapitalista em Evgeny Morozov, e com o diagnóstico de Hartmut Rosa sobre a aceleração como forma totalizante de organização social. O objetivo é propor uma leitura que relacione a ficção científica contemporânea à crítica da economia política da ciberultura, explorando como o imaginário técnico-logístico torna-se não apenas um campo de representação, mas também um **modelo operacional de mundo**.

Em *Archaeologies of the Future* (2007), Jameson propõe que as utopias modernas deixaram de se organizar em torno de um “futuro distante” e passaram a se articular no presente como **projetos de administração racional do real**. O conceito de utopia logística criado por nós deriva diretamente desse deslocamento: a utopia deixa de ser promessa e se torna gestão. Na literatura contemporânea de ficção científica, um dos autores mais prolíficos na defesa desse tipo de utopia

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 8 (Capitalismo de dados, capitalismo de plataforma e capitalismo algorítmico) do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáspér Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e docente e coordenador no curso de Jornalismo da mesma instituição. E-mail: ffernandes@pucsp.br.

é o californiano Kim Stanley Robinson. Em livros como *Red Mars* (1992), *New York 2140* (2017) e *The Ministry for the Future* (2021), Robinson propõe cenários onde a palavra de ordem é **viabilidade**: ao contrário das tradicionais aventuras espaciais oferecidas pela ficção científica clássica, que encontram mais ressonância na fantasia por apresentarem dispositivos onde a “ciência é tão avançada que se torna indistinguível de magia” (segundo a formulação de Arthur C. Clarke), Robinson advoga o uso de técnicas já existentes ou teorizadas com base na ciência de hoje.

Senão, vejamos: em *New York 2140*, Robinson encena um cenário em que a sobrevivência coletiva depende da coordenação contínua de fluxos — de energia, de recursos, de informação e de corpos — numa metrópole parcialmente submersa após o colapso climático. A “utopia” aí reside na capacidade de manter o sistema em funcionamento já, e não em transcendê-lo num futuro mais além. Essa dimensão logística, que articula técnica, comunidade e sobrevivência, espelha o **modo de funcionamento do capitalismo de dados**, cuja lógica algorítmica converte toda a experiência em recurso quantificável e otimizado.

Em termos comunicacionais, o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2016) e o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019) operam sobre o princípio da **logística informacional**: plataformas digitais, redes de dados e sistemas automatizados se configuram como **infraestruturas de governança** que preveem, antecipam e modulam comportamentos. A utopia logística, nesse contexto, não se opõe a essa racionalidade, mas a reinscreve criticamente: ela revela a impossibilidade de escapar de uma condição técnica total, e simultaneamente, a necessidade de reorientá-la coletivamente. O gesto utópico de Robinson, portanto, não é destrutivo nem revolucionário no sentido clássico; é manutencional — um esforço permanente de reorganização de redes e fluxos dentro do colapso.

Como observa Morozov (2013), a ideologia da “solução tecnológica” — o *solutionism* — constitui a nova face da razão instrumental: cada problema social é traduzido em um problema técnico, solucionável por algoritmos e plataformas. A utopia logística, ao contrário, recusa a promessa de resolução total. Ela propõe **a convivência com a instabilidade**, a negociação contínua com o imprevisível e a cooperação como princípio operativo. O “edifício coletivo” de *New York 2140*, sustentado por engenheiros, advogados, hackers e trabalhadores, materializa essa ética do comum. O que está em jogo não é o colapso do sistema, mas sua reconfiguração simbiótica: a cidade

inundada continua viva, mediada por práticas de cuidado e de gestão que substituem o heroísmo individual (comum nas histórias de *space opera* dos autores estadunidenses da primeira metade do século XX) por uma **logística social da sobrevivência**.

Hartmut Rosa (2019), ao definir a **aceleração social** como estrutura dominante da modernidade tardia, identifica nela um traço totalitário: a obrigatoriedade do movimento constante, a expansão e a atualização permanentes como condição de legitimidade. O capitalismo algorítmico radicaliza essa dinâmica, produzindo o que Rosa chama de “desincronização” entre os ritmos humanos e os ritmos sistêmicos. A utopia logística, nesse sentido, propõe uma alternativa possível: não a desaceleração nostálgica, mas uma **ressonância logística**, em que a técnica deixa de ser apenas meio de controle e passa a ser mediadora de relações sustentáveis entre humanos, máquinas e ecossistemas. Em *New York 2140*, o trabalho cotidiano de manutenção — reparar, alimentar, purificar, coordenar — adquire valor utópico precisamente porque rompe com a aceleração improdutiva e recupera o tempo da experiência compartilhada.

A leitura de Robinson sob esse prisma desloca a ficção científica do registro distópico tradicional. Ao contrário do imaginário cyberpunk — centrado na ruína individual e na estetização da decadência —, *New York 2140* inscreve o colapso dentro de uma **lógica infraestrutural de esperança**. Trata-se de uma utopia pós-heroica, em que o trabalho coletivo e técnico é o verdadeiro protagonista. Essa perspectiva coincide com a observação de Jameson (ecoada por Fisher) sobre a impossibilidade contemporânea de imaginar o fim do capitalismo, mas a facilidade em imaginar o fim do mundo: a utopia logística seria, assim, a forma narrativa que **reorganiza a imaginação política dentro da materialidade do sistema**. Ela não promete a superação do capital, mas sua reinscrição em práticas de cuidado, redistribuição e lentidão.

Na economia informacional, a logística é o vetor oculto da produção de valor. Os algoritmos de predição, os sistemas de entrega automatizados e as infraestruturas de dados compõem o que Deborah Cowen (2014) chama de “geografia logística do poder”. Ao transpor essa lógica para o campo da ficção e da cultura digital, o conceito de utopia logística evidencia a **colonização da vida pela racionalidade operacional** — mas também sua possível inversão. A mediação técnica pode ser instrumento de controle ou de solidariedade, conforme a orientação política que lhe é dada. A literatura de Robinson, ao mostrar uma cidade que se autogerencia no pós-colapso, oferece

uma metáfora potente para a **repolitização da técnica** no contexto da cibercultura: a infraestrutura torna-se espaço de disputa simbólica e prática.

Essa leitura também ressoa no campo da comunicação contemporânea. O capitalismo de plataforma transforma cada ato comunicativo em dado logístico, sujeito a cálculo e circulação. As redes sociais, sistemas de recomendação e algoritmos de vigilância formam o que Benjamin Bratton (2016) denomina *The Stack*: uma arquitetura planetária de computação que reconfigura as fronteiras entre política, economia e ontologia. A utopia logística de Robinson, nesse sentido, não é apenas literária: ela antecipa o desafio comunicacional do presente — **como habitar o império das plataformas sem sucumbir à sua lógica de aceleração e previsibilidade**. O edifício cooperativo de *New York 2140* pode ser lido como um proto-modelo de plataforma democrática, onde a mediação técnica é reapropriada pela comunidade e reinscrita em processos de decisão compartilhada.

Em síntese, a utopia logística oferece um **contramodelo simbólico** à racionalidade do capitalismo algorítmico. Enquanto este se organiza em torno da extração de dados, da aceleração e da otimização infinita, aquela se estrutura sobre o princípio da **manutenção solidária** e da **ressonância coletiva**. A diferença é ética e política: a logística, que no capitalismo opera como forma de controle invisível, torna-se, na utopia, forma de convivência consciente. Trata-se de um deslocamento que aproxima o conceito de Robinson do pensamento de Rosa, ao propor que o reencantamento do mundo técnico depende não da rejeição da modernidade, mas da **reconfiguração afetiva e temporal das infraestruturas**.

Assim, pensar a utopia logística no contexto da comunicação e da cibercultura implica reconhecer que a imaginação utópica migrou do campo da ideologia para o da técnica. O desafio não é mais projetar sociedades ideais, mas **reprogramar os sistemas** — técnicos, informacionais e afetivos — que moldam o cotidiano. Ao tornar visível a materialidade dos fluxos e a interdependência das redes, a utopia logística convida a uma política da manutenção, da lentidão e da cooperação. É nesse gesto — simultaneamente narrativo e ético — que reside sua potência crítica diante do capitalismo de dados e de plataforma: uma utopia não de transcendência, mas de logística do comum.

Shoshana Zuboff aponta que situações sem precedentes são necessariamente irreconhecíveis. Entendemos que a ficção científica não prevê o futuro, mas pode ajudar a moldá-lo (Fernandes, 2006) e proceder a essa reprogramação de sistemas através de uma mudança cultural e ajudar na prevenção contra o irreconhecível, justamente por formular cenários **que ainda não aconteceram** – e maneiras de lidar com eles.

Em uma entrevista concedida depois da publicação de *Red Mars*, Robinson afirmou que era preciso, antes de tentar colonizar o planeta vermelho, “reterraformizar a Terra”, ou seja, torná-la capaz de sustentar a vida em parâmetros mais próximos o possível dos anteriores à Revolução Industrial; nós concordamos e acrescentamos: é fundamental recriar o conceito de utopia a fim de viabilizá-lo dentro do Antropoceno. Procurar dentro do inferno aquilo que não é inferno – ou então cria-lo. Esta é a ideia da utopia logística.

Palavras-chave

utopia logística; capitalismo algorítmico; aceleração; ciberultura; Kim Stanley Robinson.

Referências

BRATTON, B. **The Stack**: On software and sovereignty. Cambridge: The MIT Press, 2016.

COWEN, Deborah. **The Deadly Life of Logistics**: Mapping violence in global trade. University of Minnesota Press, 2014.

FERNANDES, F. **A Construção do Imaginário Cyber**. São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2006.

FERNANDES, F. Kim Stanley Robinson, New York 2140 (2017) / Logistic Utopia. **Uneven Futures: Strategies for Community Survival from Speculative Fiction**. YOSHINAGA, I., GUYNES, S., CANAVAN, G. Cambridge: The MIT Press, 2022.

JAMESON, F. **Archaeologies of the Future**: the desire called utopia and other science fictions. Londres: Verso, 2020.

MOROZOV, E., BRIA, F. **A Cidade Inteligente**: Tecnologias urbanas e democracia. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

ROBINSON, K. S. **New York 2140**. Nova York: Orbit, 2017.

ROSA, H. **Alienação e Aceleração**: Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge, UK: Polity Press, 2017.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.